

## Dois guaranás e a conta...

por Mauro Ventura



Gustavo Pellizon

**P**ior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Rio, Japeri, na Baixada Fluminense, tem uma ilha de excelência: o Japeri Golfe Clube, campo público inaugurado em 2005. Tudo começou com um grupo de *caddies* (carregadores de taco) do Gávea Golfe Club, moradores da cidade, que usavam uma fazenda para jogar. Como tinham que se desviar do estrume das vacas, deram um apelido brincalhão: Merda Golfe Clube. O dono do terreno reclamava da invasão e dava tiros de sal grosso, até que a prefeitura comprou a área. Mas esse patrimônio — que deu até no “New York Times” — está ameaçado. Ele fica no caminho do Arco Metropolitano, o Rodoanel. Ex-presidente da Federação de Golfe do Estado do Rio e presidente da Associação Golfe Público de Japeri, Vicky Whyte diz: “O governador e o vice prometeram que vão reconstruir. Mas tinha que ser feito ao mesmo tempo. Vamos ficar no mínimo um ano sem os nove buracos. Os meninos estão entre os melhores do país, e vão ficar sem campo. É preocupante. Eles estão apavorados, é a única coisa boa na vida deles.” Além de atender a 120 alunos carentes em sua escolinha de golfe, o campo forma campeões, como Kely Simone, 17 anos, filha única de uma doméstica viúva.

## ...com Kely Aparecida Simone

**REVISTA O GLOBO:** Como você foi parar no golfe?

**KELY APARECIDA SIMONE:** Eu estava de bobeira na rua e um amigo falou: “Está abrindo vaga para golfe, vamos lá?” Nunca tinha ouvido falar de golfe. Morava quase em frente, mas achava que ali era campo de futebol. Para não ficar à toa na rua ou só vendo TV em casa, resolvi conhecer. Minha mãe disse: “Para quê? Você não sabe jogar, vai entrar nessa e sair logo.” Fui, mas no início não conseguia nem segurar o taco direito. Eu era muito ruim. Disse à minha mãe: “Vou sair porque não sei jogar.” Ela respondeu: “Eu falei para você.”

**E por que você insistiu?**

Dois meses depois, surgiu a primeira oportunidade de jogar fora daqui, no campeonato do Itanhangá Golfe Club. Joguei muito, fiquei em primeiro, ganhei medalha. Não tinha mais como sair. Estou em primeiro lugar no ranking estadual B (16 a 18 anos), mas tenho muito o que treinar. Comecei no esporte com 14 anos, enquanto minhas adversárias iniciaram aos 7, 8 anos. Em setembro completo três anos, e elas jogam há dez. Para jogar golfe tem que ter muita grana, mas esse campo é a porta para muita gente. Nos torneios, somos só nós de origem mais humilde.

**O que seus colegas de Japeri acharam de você ter entrado no golfe, um esporte de elite?**

Eles estranham: “É aquele negócio que taca bolinha e tem que acertar no buraco? Deve ser muito chato ficar batendo na bola e correndo atrás dela.” Gravei um vídeo para mostrar a eles, mas ouvi: “Se eu fizer, vou arrancar grama pra caramba!” Mas no começo também achei muito difícil. Passei o primeiro mês só arrancando grama. Ou então

acertava a bolinha e ela não passava de um metro de distância. Meu ídolo é Tiger Woods. É uma inspiração. Lutou muito. O escândalo (*casos extraconjugais*) não muda o fato de ser o melhor. Não abalou minha admiração, a vida pessoal é dele.

**Como você vê as obras do Rodoanel, que vão acabar com seis dos nove buracos? As máquinas e os funcionários chegaram em abril e começaram a desmatar o campo.**

A primeira vez que ouvimos falar nas obras foi em 2009. Achávamos que era invenção para botar medo na gente. Mas aí vimos as máquinas e os trabalhadores chegando. Esse campo está uma maravilha, e do nada veio isso de que vamos perder os buracos. Ficamos bolados. Passei dois, três dias em casa pensando, às vezes até chorando. Cheguei a ter vontade de parar, mas aí falava: “A luta continua.” Comentei com uma amiga: “Imagina quando a gente passar aqui e não tiver mais os lagos, as árvores e os buracos?” Só com três buracos vai ser difícil. Mas acho que em no máximo dois anos teremos o nosso campo de volta. Não vivo sem o golfe.

**O golfe retorna às Olimpíadas no Rio, em 2016. A última vez foi em 1904. Você espera participar?**

É o que mais quero. Minha rotina é puxada, mas vale o esforço. De terça a sexta, acordo às 5h30m, vou para a escola (*no 1º ano do ensino médio*), volto, chego às 14h no campo, fico até as 17h, retorno para casa e estudo. E aos domingos faço curso de petróleo e gás. Se você estiver mal na escola, está mal no golfe, porque fica de fora das viagens. E se repetir de ano só pode treinar três vezes por semana, durante todo o ano, até se recuperar. Metade da minha vida está aqui.